

Mawó Adelson de Brito



Sà Hùn,

cantando para os
Voduns do Jeje Savalou



Mawó Adelson de Brito

Sà Hùn,
cantando para os
Voduns do Jeje Savalou

Salvador
2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

B862s Brito, Mawó Adelson de

Sá Hún: [Recurso eletrônico]: cantando para os Voduns do Jeje Savalou /
Adelson de Brito Mawó. - Salvador: Edição Independente, 2021.

8,67KB; PDF 81p. il.:

Livro eletrônico

Modo de acesso: <http://nagovodun.blogspot.com>

1. Religião africana. 2. Candomblé- culto. 3. Candomblé- música. I. Título.

CDD: 299.780

CDU: 299.6:78

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Documentalista: Simone Reis Santana de
Sales CRB-5/1492

COPYRIGHT © MAWO ADELSON DE BRITO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Ficha técnica

Cânticos (CD)

Idealização, coordenação, direção geral e produção executiva

Mawó Adelson de Brito

Apoio coordenação

Joselito Souza

Direção musical

Huntó Paulo Conceição Fiaz

Tradução e organização do vocabulário em língua Fon e língua Iorubá-Nagô

Mawó Adelson de Brito

Técnico de processamento fonográfico

Gustavo Caribé

Execução de performances instrumentais

Huntó Paulo Conceição Fiaz

Gravação de solos vocais

Mawó Adelson de Brito

Huntó Paulo Conceição Fiaz

Gravação de coros

Mawó Adelson de Brito

Huntó Paulo Conceição Fiaz

Iranxé Eliene dos Santos

Axogun Josué Debessy Nascimento

Ogan Tiago Nunes

Logística e Apoio

Axogun Josué Debessy Nascimento

Efeitos especiais ambientais

Ogan Tiago Nunes, Huntó Paulo Conceição Fiaz

“Talking drums”, finalizações especiais

Ogan Tiago Nunes

E-Book

Idealização, redação

Mawó Adelson de Brito

Editoração e diagramação

Isaac Zedecc

Capa

Pessoas da capa

Da esquerda pra direita: Mawo Adelson de Brito; Iranxé Eliene S. Vale;

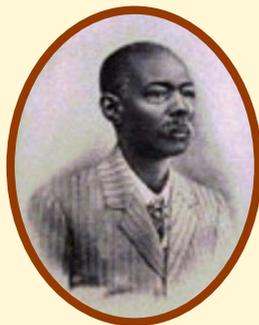
Agachados: Huntó Paulo Conceição Fiaz; Axogún Josué Debessy

Nascimento; Arrê Gustavo Caribé

Dedicatórias *in memoriam*



Solange Silva dos Santos Brito
"Mãe Sosó"
(1951 - 2020)



Manuel Raimundo Querino
(1851 – 1923)



Martiniano Eliseu do Bonfim
(1859 – 1943)



Deoscóredes Maximiliano dos
Santos, o Mestre Didid
(1917 – 2013)



Antônio Jorge Portugal
(1956 – 2020)



Jaime Santana Sodré Pereira
(1947 – 2020).



Antonio Carlos Souza Soares, o
Ogan Tom
(1954 – 2020)



Rita Maria Rodrigues da Silva
Hunsó Rita de Oya
(1955 - 2020)

Dedicatória



Idolu Emi!
Gaiyaku Luis Natividade
Ilé Așę Ominigé

A vida do (a) religioso (a) é marcada pela proposta monástica: O Vodunsi leva uma vida normal, mantendo, entretanto, como principal característica de saúde da sua vida, o respeito a sua prática espiritual.

Tolégbà



Homenageados

Ordep José Trindade Serra

Luis Nicolau Parés

Xavier Vatin

James Lorand Matory

Somos Desses!

Desse tipo de gente que bate palma para a pedra, que reza para comer, que enfeita bicho.

Eu e você somos desse tipo, que bate a testa no chão, que canta em idioma arcaico, que balança prato e come com a mão.

Porque somos desses, que dormem em esteira, tomam banhos gelados e ficam carecas.

Desse povo que lava toda louça para sujar, lava de novo e suja de novo em um ciclo sem fim.

Somos daqueles que enfiam montes de bolinhas miúdas em fios de algodão, quebram feijão na pedra, moem canjica até virar pó e pisam com pilão um monte de folha verde.

Somos desses que usa roupa branca para nascer, viver e morrer.

Somos desse tipo de gente que sem o Òrìsà nada seríamos.

Somos desse povo negro, ancestral, afrobrasileiro.

Somos de fé, amor, respeito e religião.

Porque carregamos em nosso sangue o sagrado, o axé verdadeiro e o CANDOMBLÉ!

Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultural do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apresentação

Existe um sem número de obras sobre o Candomblé. É impossível citar todas. O Candomblé Quêto-Iorubá-Nagô, popularmente referido como “Candomblé de Quêto”, está na dianteira em termos de bibliografia.

Em muitos trabalhos, a cultura dos povos iorubá, trazida para o Brasil pelos homens e mulheres Iorubá-Nagô escravizados, que tem no Candomblé de Quêto a sua expressão emblemática, figura, equivocadamente, como se fosse a única herança africana.

Em verdade, a Nação Congo Angola, ou Candomblé Congo-Angola, é uma cultura religiosa tão importante quanto a Nação Quêto e o mesmo se pode afirmar sobre a Nação Jeje ou Candomblé Jeje.

Publicações das mais diversas naturezas privilegiam a vertente cultural e religiosa de matriz Africana Iorubá-Quêto-Nagô. Vamos tomar outra direção no desenvolvimento do presente projeto de resgate de textos litúrgicos, partindo das seguintes premissas:

1. Destacar que a tendência de supervalorização do Candomblé denominado “Candomblé de Quêto” em detrimento de outras culturas religiosas de matriz africana, se deve a uma leitura enviesada de uma conjuntura composta também por outras “heranças” culturais distintas desta e igualmente importantes, mas quase relegadas à invisibilidade.
2. Destacar entre estas “heranças”, o legado cultural e religioso do Candomblé Jeje, ao qual, sem dúvida, o próprio Candomblé de Quêto deve uma grande parte da sua constituição enquanto modelo de culto às divindades africanas e/ou afrobrasileiras;
3. Singularizar o Candomblé Jeje Savalou como uma religião autônoma, caracterizada por uma estrutura de culto complexa, efetiva e bem fundamentada.

É inspirado nessas premissas que trabalhamos o projeto *Sà Hùn, cantando para os Voduns do Jeje Savalou*, uma obra a qual nós tipificamos como *Song e-book*, visto ser composta por:

1. Um livro textual (e-book) no qual os cânticos para as divindades do Panteão Jeje Savalou (escritos/registrados em língua Fon (*Fòngbè*)¹ e Língua Iorubá (*èdè Yorùbá*) estão devidamente respaldados por suas respectivas traduções para o Português, visto terem sido tratados mediante metodologia atualizada o que os tornam perfeitamente compreensíveis em nossos dias de hoje.
2. Um áudio-CD composto com esses cânticos litúrgicos específicos dos ritos procedidos em um Templo Jeje Savalou. Esse CD musical entra no conjunto da obra com o objetivo de dar testemunho melódico e registro físico para a posteridade.



Mi só Koklo nukòntòn o... Vodún Lěgbà,
o primeiro galo vai para... Vodun Leba

¹ Fòngbè, Fòn= Daomé + gbè= língua

Índice

Apresentação.....	12
Èşù Èlégbára é a fonte do movimento.....	15
Hùnkpámè Savalou Vodun Xwe, o Convento de Vodun.....	20
O Panteão Jeje Savalou.....	27
Os Cinco pilares de um Tempo Jeje dedicado aos Voduns-Nagô-Voduns da Terra.....	32
Senioridade.....	35
Hùngbè, a língua no Espaço Sagrado do Hùnkpámè.....	49
Hùnxó, o Pacto Vodun.....	51
Mejitó Silvana de Agé, fala sobre Ori.....	55
Aprendendo um pouco da língua Fon.....	59
Os cânticos desse Sà Hùn.....	64
Referências Bibliográficas.....	81



Èṣù Èlégbára *é a fonte do movimento*

Laroye Èṣù

Èṣù Èlẹgbára é a fonte do movimento

Èṣù (Exu) é o Èlẹgbára

Etimologia: Èlẹ = dono senhor + agbára = poder, força

Esse título atribuído a Exu por todo o SACERDÓCIO AFRO-JEJE-NAGÔ é uma referência a uma forma de ENERGIA MUTANTE ABSOLUTA, essência do movimento físico inerente a qualquer forma de vida, representado por essa DIVINDADE PRIMORDIAL.

Exu é a fonte do ÉTER que permeia todas as coisas do mundo.

É, por exemplo, a seiva que flui com o sangue através do circuito interno ao corpo à serviço da cabeça física e da cabeça psíquica do indivíduo, ou seja, a serviço de **Ori**, a sede das decisões primordiais do indivíduo. Sem um comando de **Ori**, o indivíduo não retém nem exercita o seu **Èmí**². É por isso que a "Cabeça", tem que ser cultuada como administradora do Corpo: a "Cabeça" é o primeiro Orixá a ser cultuado.

Por isso, na feitura do Santo, o Bori é um processo incontornável. É nesse estágio do processo afro-litúrgico jeje-nago, que Exu como Èṣù Èlẹgbára ganha uma nova faceta. Èṣù (Exu) é agora o Èlẹgbára, com outra função: senhor do movimento corporal.

Ele, Exu, é o Èlẹ = SENHOR + gbá = à deriva, fluindo com a corrente (no caso com a corrente sanguínea) + ara = corpo.

Cuidando de Ori: cânticos e rezas

O meu amigo Şangodare, um sacerdote de Ifá, nascido e domiciliado nos Estados Unidos da América, um dia desses formulou para mim as seguintes perguntas:

1. Se a cabeça tem cinco polos e se em cada um tem um orixá, precisará fazer oferenda para cada um destes para harmonizar Ori?

² Espírito, respiração, sopro de vida, etc.

2. Se o criador e modelador das cabeças é Ajalá, o seu orixá abiḡdun, não seria esse então o Orixá que comandaria o *Ori* de cada pessoa
3. Qual o papel desempenhado por cada um deles na condução de *Ori*?

São perguntas estruturantes:

Aqui, ao invés de respondê-las vamos observar alguns pontos demarcadores da questão principal: ***Ori***.

Circulam na internet algumas informações equivocadas, mas também informação de boa qualidade e razoavelmente instrutivas. Porém, a maioria está publicada em Inglês, devido ao fato de ser essa língua um amplo instrumento de comunicação e ser também a língua oficial da Nigéria, onde estão as origens de muitos povos iorubá, o qual é, sem dúvida, um segmento da humanidade conhecido internacionalmente pela sua prática do Culto a Ancestralidade.

É o que acontece, por exemplo, com o culto a *Ori*, simbolizado pela cerimônia do *Bori* ou *bḡri* (fusão da palavra *Bḡ* que, em Iorubá significa oferenda, com *Ori*, que quer dizer cabeça. Então o termo *Bḡri*, literalmente traduzido, significa “Oferenda à Cabeça”).

Do ponto de vista da interpretação do ritual, pode-se afirmar que **o Bori é uma iniciação à religião**, na realidade, a grande iniciação, **sem a qual nenhum(a) noviço(a) pode passar pelos rituais de Raspagem (Fari), ou seja, pela consolidação da Aliança Sacerdotal.**

Cada pessoa antes de nascer, enquanto no Orun, escolhe o seu ORI, o seu PRINCÍPIO INDIVIDUAL, a sua CABEÇA.

Este *Ori* é uma Divindade que configura em cada ser humano um indivíduo único. Assim, é Ori quem determina no indivíduo quais serão suas potencialidades e fraquezas.

Oḡú é o caminho pelo qual se chega à plena realização de *Ori*, formando um binômio único e, portanto, é a partir dessa plataforma, que não se pode cobiçar as conquistas dos outros.

Cada um, como ensina *Orunmilá – Ifá*, deve ser grande no seu próprio caminho, pois, na Terra as experiências se tornam desafios como peças componentes dos jogos a que somos submetidos nesse GRANDE LABORATÓRIO denominado TERRA.

Exú, ao nos mostrar a encruzilhada, nos testa o equilíbrio de *Ori*, para além de uma concepção greco-romana-judaico cristã de organização cartesiana: *Ori* é a antena de recepção da irradiação ANCESTRAL, distante de uma lógica booleana pobre e tridimensional. Por isso, a noção de EQUILÍBRIO DE ORI, não é passível de LEITURA ORTODOXA CRISTÃ: em ORI, CLAREZA É RÓTULO DE UM FUNDAMENTO que só pode ser acessado por intermédio do *Bori*.

Sendo a CABEÇA enquanto ORÍ, uma síntese dos caminhos entrecruzados, a INDIVIDUALIDADE consolidada pela INICIAÇÃO (que são únicas e acabam, muitas vezes, configurando-se como sinônimos) OUTORGA À ORÍ a AUTORIDADE de CONSULTAR, via EXU, o PROGRAMA ANCESTRAL que escolheu ainda no *Orun*, qual a direção, o NORTE, entre as quatro opções físicas, ligadas aos polos:

OJUORI	→	a testa
ÈHIN ORI	→	a nuca
APA OTUN	→	o lado direito
APA OSI	→	o lado esquerdo

É por esta disposição que a Terra também é dividida em quatro pontos: norte, sul, leste e oeste; o centro é a referencia. Logo, todas as pessoas devem se colocar no centro das suas respectivas CABEÇAS como os polos orientadores de suas ações: por isso é que o ADOŞU³ vai ali, no CENTRO, tendo à sua volta os quatro pontos cardeais: o CENTRO precisa ser a geratriz dos caminhos a escolher e a seguir. A cabeça é uma síntese do mundo, com todas as possibilidades e contradições.

Por isso, Orí é o PRIMEIRO ORIXÁ a ser cultuado.

O Bori prepara a cabeça para que o Emi Ẹlédá (Sopro do criador, Orixá principal) se possa manifestar plenamente.



O Ibiri de Nanã

³ Na Iniciação (de santo) Òsù (adoxé, Adoxu) é um amalgamado de substâncias secretas, algumas in-natura, outras secas, algumas torradas, mas tudo isto reduzidos a pó, este conhecido como iye. Ele serve de veículo para transmitir o axé do Orixá a ser consagrado no futuro iniciado dentro do Candomblé de Nação (culto ao Orixá).

<https://www.juntosnocandomble.com.br/2018/11/adoxu-o-que-e-e-sua-importancia-na-iniciacao>. (Acessado em 11/02/2021).



Hùnkpámè Savalou
Vodun Nù Xwe,
o Convento de Vodun

Hùnkpámè Savalou Vodun Nù Xwe, o Convento de Vodun

Tomamos como campo e base de dados para o desenvolvimento da presente obra, as vivências religiosas no Candomblé Jeje Savalou. O templo ou terreiro de Candomblé Jeje, em língua Fon é o Hùnkpámè⁴ ou, em Português, “Convento de Vodun”. Um terreiro vem a ser um centro religioso e uma forma tradicional de assentamento que sedia um grupo eclesial estruturado, segundo as normas de um rito afro-brasileiro. A palavra é dicionarizada, tendo este sentido particular reconhecido. Seu emprego verifica-se comum na vasta etnografia especializada (cf. Lépine, 1982: 68, s. v., Becker 1995, s.v.).

O designativo candomblé, termo de origem quimbundo por cujo emprego se identifica, hoje, uma modalidade de culto afro-brasileiro, pode também aplicar-se a um centro onde esse culto é praticado (cf. Cacciatore, 1977; Lépine, op. cit., s.v.; Becker, 1995, p. 374, s.v.; Salvador, 1982). A palavra roça ainda se emprega, embora cada vez menos, para indicar o espaço físico dos terreiros de candomblé.

Há distintas vertentes do Candomblé Jeje: o Jeje Mahin, o Jeje Mundubi, o Mina-Jeje, o Jeje Savalou. O presente e-Book foca em atos litúrgicos específicos praticados no Candomblé Jeje Savalou. No jargão dos seguidores das liturgias jeje, o termo Xwe (as vezes escrito Kwe) significa Casa, e mais alargadamente, Templo. A língua Fon é um dos idiomas do grupo linguístico EGAF (Ewe, Gen, Aja, Fon) da Costa Ocidental da África, uma variedade linguística da família gbe.

⁴ Conforme site oficial do governo da República do Benin: vide <https://beninfongbe.com/traduction/fongbe-francais/traductions-fongbe-francais-vocabulaires-h.html> (acessado em 28/01/21).

⁵ As Línguas Gbe formam um grupo de cerca de vinte línguas que abrangem toda a área entre Gana oriental e Nigéria ocidental. O número total de falantes de línguas Gbe é entre quatro e oito milhões. A língua Gbe mais falada é Ewe (3 milhões de falantes em Gana e Togo), seguidos por Fon (1,7 milhões, principalmente no Benim).

Esta variedade linguística é falada pelos povos da etnia de mesmo nome à qual pertence um bom contingente dos povos oriundos da área da costa ocidental da África onde estava o Reino do Daomé, e hoje se encontra a República Popular do Benin.

Vodun é o nome Fon para "divindade"

Então o título Hùnkpámè Savalou Vodun Xwe que muitas vezes abramos e falamos “Runpáme Savalu Vodun Kwe” pode entender-se, em suma, como “Convento dos Deuses Savalu”, significando que ali se cultuam os Deuses da nossa herança africana, segundo o rito Jeje Savalou e os Voduns ali cultuados são divindades Ewe- Fón-lorubá-Nagô.

O etnônimo jeje tem registro documental no Brasil já na primeira metade do século XVIII, enquanto que em África o seu uso (nas formas djédji, djédj, gège) só se verifica em documentos a partir de 1864. Matory (Matory 2005 p. 63-4) acredita que o termo foi difundido em África por “returnees” brasileiros, ponderando que “Desde o segundo terço do século XX, centenas e talvez milhares de jejes brasileiros regressaram ao golfo da Guiné: a Lagos, Porto-Novo, Ouidah, Grand Popo, Petit Popo, Agoué e Porto Seguro (o último tendo sido fundado pelos retornados mesmos) ”.

Estes jejes brasileiros circulavam com regularidade, como frisa o citado antropólogo, entre a Bahia, o Golfo da Guiné e Cuba. Eles “aplicaram o nome ‘jeje’ a todos os africanos que consideravam seus parentes, apesar de ser pouco provável que esses ‘parentes’ assim se identificassem inicialmente”. A aceitação desta hipótese de Matory, que se afigura bem fundada, não obriga a descartar a etimologia africana do etnônimo nem o que ela implica: a referência a um gentílico (ou topônimo) africano relativo a algum grupo (gbe falante) do antigo Daomé. O fato é que, no quadro de um intenso intercâmbio cultural, de trocas e fusões interétnicas significativas, tanto em África como no Brasil, constituiu-se um característico

repertório jeje em cuja gênese a criatividade e o protagonismo da comunidade negra da diáspora sem dúvida se destacaram.

Na sua obra “A Formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia”, Parés destaca o papel eminente desempenhado pelos jejes, do histórico do dinamismo de seus sacerdotes e sacerdotisas, através de vários testemunhos que se conjuminam em prova da contribuição jeje para o enriquecimento do patrimônio cultural do Brasil. Os povos gbe falantes trazidos ao Brasil na condição de escravizados, se concentraram nas regiões produtoras de açúcar do Recôncavo baiano, notadamente, na região que compreende as cidades de Santo Amaro, São Félix e Cachoeira.

Dentre esses povos estavam também membros da etnia ewé, conjuminando com a cultura religiosa Fon para a prática do culto aos Voduns da forma que nos chega hoje.

Aproveitamos para pontuar o nosso imenso apreço pelo trabalho desenvolvido pelo Professor Luis Nicolau Parés. O seu trabalho seminal **A Formação: História e ritual da nação jeje na Bahia** é um item destacado de uma bibliografia escassa e instável.

Uma das supostas origens da palavra Vodun testemunha o diálogo intenso entre as culturas religiosas jeje e nagô. Segundo uma versão interessante para a origem da palavra vodun, esta seria a conjunção da palavra fón ‘vó’ [vǒ] (que significa, sacrifício, oferenda, etc.) com a palavra lorubá ‘òdún’, (que se lê ‘ódún’) e significa, ano, festival religioso, etc.).

Por força do comércio no qual homens, mulheres e crianças retirados da África, na condição de escravizadas, foram vendidos e trazidos para os continentes americanos, o culto aos voduns se espalhou pelas Américas do Norte, do Sul e Central, florescendo nas ilhas do Caribe, incluindo o Haiti, e também no Brasil.

Como evidência de uma ligação efetiva entre o Jeje Savalou da Bahia e a região da África onde tem lugar o culto aos Voduns,

os Candomblés Jeje Savalou (Os Hùnkpámè Savalou Vodun Xwe) da Bahia são visitados frequentemente por Sacerdotes Africanos do Benin, Togo e Nigéria.

Também visitam os Templos Jeje, pessoas oriundas dos Estados Unidos da América, Alemanha, França, etc. Religiosos, pesquisadores, curiosos, pessoas do povo, convivem regularmente com os iniciados e neófitos dos Templos Jeje da nossa cidade de Salvador, assim como também da Grande Região do Recôncavo (com destaque para as cidades de Santo Amaro, São Félix e Cachoeira, berço do Jeje).

Dentre estes visitantes estão o professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, o Prof. Dr. Hyppolite Brice Sogbossi. Este homem africano, nascido na República do Benin, é também sacerdote da tradição religiosa (fón) Vodun. O antropólogo estadunidense James Lorand Matory, autor de vários livros sobre as religiões Africanas assim como sobre as religiões de matrizes africanas no Brasil, Cuba, Haiti, Estados Unidos da América, etc.

Em seu famoso livro **Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé**⁶, ele se refere ao Candomblé Jeje como “... a agonizante nação Jeje...” (Matory, op. cit. p. 23). Os Voduns cultuados no Candomblé jeje são deuses identificados com as culturas religiosas dos povos Ewé, Gén, Ajá e Fón, povos estes vizinhos das terras Iorubás. Ao contrário do que os mais ferrenhos puristas acreditam, as culturas religiosas jeje e Iorubá-nagô estão intimamente ligadas uma a outra. Os protocolos rituais, as músicas, e a língua ritual do Candomblé Jeje e do Candomblé de Quêto são tão profundamente relacionadas por uma ligação de empréstimos mútuos que os etnógrafos locais os descrevem como um complexo ritual “jeje-nagô” (e.g., Costa Lima, 1977).

⁶ O autor Mawo Adelson traduziu esse trabalho e deverá lançá-lo em fevereiro de 2022 pela Editora Kalango, sob o título “A Religião do Atlântico negro”.

A arquiteta e urbanista Márcia Sant’Anna, no seu artigo *Escravidão no Brasil: candomblé e a resistência cultural dos povos negros*, preparado para a revista *Oralidad* afirma: “A reunião, no Brasil, de cultos religiosos de origem africana reunidos em um modelo litúrgico claramente organizado, só ocorreu a partir da chegada maciça dos grupos jeje e nagô no século XIX” (Sant’Anna, 2003 p.4). Esta afirmação é discutível, mas dentre os Africanos, favorecidos, quiçá, por concentrações mais significativas, esses dois grupos desenvolveram uma hegemonia cultural, em relação aos seus pares cativos etnicamente associados a outras denominações e que os precederam.

São poucas as casas Jeje em Salvador que assumem na sua designação civil e religiosa termos que evidenciam essa ligação. É comum ouvir de Sacerdotes de Casas identificadas por denominação nagô (as quais via de regra iniciam com as palavras “Ilê Axé”[Ilê Aṣe], ou seja, “Casa de Força Espiritual”) declarações como: “ – Sou jeje Savalou –” (cf. Matroy, op. cit.). Mesmo as casas jeje mais respeitadas, não tem o tamanho, a dimensão, nem o reconhecimento das grandes casas Quêto/Nagô.

No entanto, aqueles com um conhecimento mais profundo do Candomblé estão cientes da profunda influência do *jeje* sobre os rituais de iniciação e vocabulário geral de todas as religiões de matriz africana, inclusive a nação Quêto/Nagô.

Amilton Sacramento Costa, o *Doté* Amilton é o líder do *Kwe Vodun Zo*.

Ele foi iniciado no templo *Cacunda de Yayá*, que, segundo Matroy, foi fundado em 1920 e inicialmente liderada por Sinfrônio Eloi Pires, sucedido por sua esposa Constança da Rocha Pires, ou *Jaocí*, também conhecida como *Mãe Tança*. Foi ela quem “ordenou” Amilton há mais de 50 anos e profetizou como seu destino, “um dia, abrir seu próprio Templo”.

Tanto sua filha, Maria Pires, como seu filho, Pedro de Alcantara Rocha (Pedrinho), mais tarde serviram de guardiões da Venerável Casa e como conselheiros de Doté Amilton. No entanto, com a morte de Pedrinho, a Cacunda de Iaiá não realiza festividades há mais de duas décadas.

Doté Amilton arquiva a sabedoria e propaga a memória de uma genealogia única de sacerdotes. O título de Doté, que o Venerável Amilton ostenta como líder religioso, é um privilégio gozado apenas por sacerdotes do sexo masculino, filhos do vodun Sobô. Amilton é filho de Sobô na sua qualidade (manifestação) de Adaen [Adaén; Adànvé]. Logo, Amilton é um Adanvesi [Adànvésì, Adànvé + sì: Adànvé= Vodun da fúria; sì = esposa, servo; etc.]. Ou seja, um filho (passível de possessão, entusiasmo) do vodun Adaen.

O Vodun Zo não é apenas um centro espiritual, mas também um arquivo onde estão armazenadas histórias, documentos e narrativas que, sem dúvida, virão a compor uma fonte de dados a serem acessados por este projeto no desenvolvimento da sua tarefa de resgate da formação do Candomblé Jeje na Bahia.

O texto acima é uma composição desenvolvida pelo autor com base em um trecho do LAUDO ANTROPOLÓGICO que serviu de base para o processo de Tombamento do Vodun Zo.

A autoria do LAUDO é do Professor Ordep Serra.



O Panteão
Jeje Savalou

O Panteão Jeje Savalou

Os *Voduns* cultuados no *Candomblé Jeje* são deuses identificados com as culturas religiosas dos povos *Ewé*, *Gén*, *Ajá* e *Fón*, e também com os povos *Ànàgó* (Nagô) habitantes das regiões onde hoje está a República do Benin. No Jeje Savalou são cultuados intensamente os Orixás da tradição comum aos Iorubá da, hoje, República da Nigéria e dos Iorubá da, hoje, República do Benin (esses, denominados “os *Ànàgó*” ou *Nàgó* ou ainda Nagô).

Esses Orixás são, no Jeje, denominados *Ànàgó-Vodun*, ou *Nagô-Vodun*. Pouco se sabe da trajetória do Jeje Savalou desde a região de Savalou até a chegada ao Brasil dos povos escravizados naquela região do planeta.

A escravidão presente na sociedade brasileira no início do século XIX e, por outro lado, as diversas estratégias desenvolvidas pelos povos escravizados para resistir e quebrar a ordem do sistema escravista desde a chegada dos primeiros homens e mulheres escravizados, é um dos temas mais polêmicos dentro do grande debate historiográfico em torno do assunto na Academia.

Não há uma coleção de documentos ou registros concatenados que possam dar sustentação a uma descrição coordenada da história da movimentação dos nossos povos fundadores da cultura brasileira afrodescendente.

Porém, trabalhos dos estudiosos como o Professor João José Reis, sugerem a existência de uma hegemonia Malê (ou seja, dos muçulmanos), até a grande Revolta dos Malês em 1835. Mas, a partir do momento em que homens e mulheres armados com espadas, e armas de toda a sorte, munidos da esperança de boa sorte, inspirados pelo Alcorão (livro sagrado do islamismo) invadiram as ruas de Salvador, na tentativa concreta de derrotar as autoridades baianas, a sociedade ficou aterrorizada.

Os eventos acontecidos na madrugada do dia 24 para 25 de janeiro de 1835, decretavam, na prática, o fim da hegemonia malê na sociedade alargada dos homens e mulheres pretas da Bahia, e o começo do período da influência lorubá-nagô que perdura até os nossos dias. Esse modelo, uma alternativa resultante do conflito social instalado, serviu para aglutinar mais fortemente ainda o negro baiano em torno de uma identidade nagô: todo mundo quis, de repente, ser nagô.

Entretanto, se a expressão “Jeje-Nagô” define o modelo sócio-cultural de um tipo de grupo de Candomblé, vez que encerra dois etnônimos marcadores dos padrões africanos remanescentes na maioria dos terreiros da Bahia, não se deve esquecer que foi uma expressão criada por cientistas interessados em categorias e classificações. Ou seja, não podemos, nós do Candomblé, tomar essa expressão como sinalização de uma meta identidade resultante de um processo exógeno.

Na Bahia dos séculos XVIII e XIX os negros desenvolveram estratégias de identidade; o termo *jeje* foi assimilado para o relacionamento com a sociedade escravista e para o *diálogo interafricano*, enquanto que as *subnações* (Mahi, Savalou, Agonlins, Mundubis etc.) foram utilizadas no âmbito interno dos gbe-falantes. Alguns acreditam que o etnônimo *idjè* ou o topônimo *Adjadché* foi transformado pelos comerciantes baianos no termo “*jeje*” e passou a denominar uma pluralidade de povos *adjas*. Fato é que as origens do termo Jeje parecem longe de qualquer elucidação.

Os Voduns no Jeje Savalou são basicamente os mesmos listados na grade cosmogônica no Panteão dos povos Ewe e Fon.

Fon gbe	Português
Dangbé	a serpente sagrada que representa o espírito de Vodun Dan.
Mawu	Ser Supremo dos povos Ewe e Fon.
Lissá	que é masculino, e também corresponsável pela Criação.
Loko	é o primogênito dos Voduns, e dono da chamada jóia de Mahi, uma referência ao Hungbe (ou língua do Vodun)
Gu	Vodun dos metais, guerra, fogo e tecnologia.
Hevioso	Vodun que comanda os raios e relâmpagos.
Azonsù	Divindade que controla as endemias e sincretiza com Sakpata.
Sakpatá	é Vodun da varíola e sincretiza com Azonsù
Dan	Vodun da riqueza, representado pela serpente do arco-íris.
Aganga Otolú	Vodun da caça e protetor das florestas.
Agbê	Vodun dono dos mares.
Ayizan	Vodun feminino, dono da crosta terrestre e dos mercados.
Agassu	Vodun que representa a linhagem real do Reino do Dahomey.
Agé	Vodun das folhas e das florestas, patrono da cura pelo uso da natureza.
Legba	Caçula de Mawu e Lissá, e representa as entradas e saídas e a sexualidade.

Fa	Vodun da adivinhação e do destino.
Tobosi	Vodun das águas doces.
Posù (Kposù)	Vodun do pó e da terra seca representado pelo tigre.
Bessen (Gbesen)	dono das águas doces no Savalou, do qual é patrono.
Sogbô	Vodun do trovão da família de Heviosô.
Azli Tobosi	Naê ou Mami Wata, são todas as Voduns femininas das grandes águas.
Nanã	Vodun considerada por todos os adeptos do Culto Vodun como a grande Mãe Universal.



Os Cinco pilares de um
Templo Jeje
*dedicado aos Voduns-Nagô-
Voduns da Terra*

É me dõ nù acé... Donas do Axé

Os Cinco pilares de um Tempo Jeje Savalou dedicado aos Voduns-Nagô-Voduns da Terra

O Culto aos Voduns da Terra e seus afins terá como lema a observação dos seus cinco pilares de sustentação, a saber:

- *Atóto (Silêncio);*
- *Gbígà (Recepção, acolhimento)*
- *Ránti (Memória; registro, reconhecimento)*
- *Ọwò (Respeito)*
- *Èrò (Reestabelecimento).*

O *Hùnkpámè Savalou Nàgó-Vodun Sakpata-Azonsù Nù Xwe* cuja tradução seria “Convento Savalou Nagô Vodun Sapata-Azonsu”, ou como a gente já se acostumou a chamar, **CASA DE AZANZU**, é um Santuário dedicado à ANCESTRALIDADE, mas é também um Templo de Saberes e uma Escola para o exercício da transmissão e da manutenção de Saberes Tradicionais trazidos desde a Costa Ocidental africana pelos nossos antepassados que para aqui vieram sob a condição de escravizados.

É importante destacar a ajuda que aqueles obtiveram daqueles que originalmente eram os Donos da Terra Brasilis: os “Ameríndios”. Um TEMPLO DE CANDOMBLÉ JEJE, não é uma casa de festejos. É uma Casa de Iniciação Religiosa. É também uma Casa dedicada ao Estudo dos Cultos aos Voduns do Savalou, vindos de onde estão hoje a República do Benin, e dos Orixás vindos da Nigéria, denominados Nagô-Voduns.

No Templo Jeje são preservados os registros da transmissão dos Saberes litúrgicos e das práticas e saberes tradicionais como a música, o artesanato, a culinária, e a medicina tradicional afro-brasileira. Nele são realizados trabalhos que envolvem cerimônias litúrgicas que visam despertar a força dos Voduns e Orixás afins, para o favorecimento de todos pela adoração das energias desses Voduns.

Os Voduns principalmente assentados, são: Exú, Lebá, Xoroquê, Agé, Sakapata-Azonsu e a Grande Mãe Universal Nanã e os Voduns Kavionos. O centro pivotal da vida religiosa do **Hùnkpámè Savalou Nàgó-Vodun Sakpata-Azonsù Nù Xwe** é o Santuário do Patrono do Templo: O Vodun **Sakpata-Azonsù**. Na CASA DE AZANSU, por exemplo, o centro nervoso do Espaço de Culto é o Santuário do Vodun Sakapata-Azansu, comandado, como referimos acima, pelo Vodun Grande Mãe Naé Naeté, que nós conhecemos como Nana.



Senioridade

Da esq. Bajigan Diego, Hundevá Jorge Mitis, Oganvi Adlaberto “Dazinho” e Mawo Adelson. No fundo Ogan Léo, Huntó Paulo Fiaz, Hunkpame Savalou Vodun Zo Xwe 2015

Senioridade

Um dia memorável no barracão, como é chamado popularmente o salão principal do prédio central do **Hùnkpámè**, um vasto hall com o piso recoberto por uma lajota que reproduz na sua textura aspectos de chão batido, em um momento de caráter histórico, estavam reunidos em torno de um grande balaio repleto de quiabos, alguns dos representantes mais expressivos da tradição religiosa Jeje Savalou na Bahia.

Era uma parte da preparação para um Zandró de Bessen.

Alguns dentre esses nomes não estão mais entre nós, ou como dizemos usando o nosso jargão do candomblé jeje, já “foram para o AFÁ”.

Estavam sentados, cada um sobre um banquinho (apoti) ao redor do referido balaio, cortando quiabos:

1. **Floranita de Jesus**, mais conhecida como Mãe Flor, sacerdotisa líder do Ile Axé Ogun Deyi, no bairro São Rafael, na nossa Salvador, e uma das construtoras da história do Jeje Savalou na Bahia, vez que teve sua formação religiosa no seio da Cacunda de Iyaiya; Mãe Flôr, era presença obrigatória em qualquer Templo Hùnkpámè da Tradição Savalouna, uma senhora nonagenária que nos deixou no ano passado (2019).

A idade lhe forjou na cabeça uma máscara africana, como uma dessas figuras em bronze, ou latão da tradição artística do Reino de Benin, na Nigéria.

Seu sangue misto de negro e ameríndio lhe propiciava a possessão por um caboclo, muito procurado, muito bom conselheiro, um bom milagreiro.

⁷ Os bronzes do Benim são uma coleção formada por mais de mil peças[1] comemorativas que provêm dos palácios reais do reino do Benim. Foram criadas pelos povos Edo desde o século XIII e, em 1897, os britânicos apoderaram-se da maior parte delas.[2] Várias centenas destas peças foram levadas para o Museu Britânico de Londres, enquanto o resto foi repartido entre outros museus.[3] Atualmente, uma boa parte ainda se encontra no Museu Britânico, concretamente na sala 25 (na seção da África).[2] Outras peças encontram-se nos Estados Unidos e na Alemanha, entre outros países.[4]
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bronzes_do_Benin (acessado em 13/02/2021).

2. **Alberto Rocha dos Santos**, o nosso “Pai Albertão”, **Peji Gan**,⁸ do *Hunkpame Savalou Vodun Zo Xwe*, Sacerdote sênior que, tal qual Mãe Flor, nos deixou trocando esse mundo físico ou *aye* pelo *orún* berço da Ancestralidade, nos legando uma lacuna importante, visto que constará dos anais da nossa história como a ausência de mais uma biblioteca viva, visto que se vai sem deixar back up;

Os que lá estavam e ainda estão no *aye* (vivos).

3. **Adalberto Santana**, ou “Dazinho”, **Oganvi**, o termo significa autoridade pequena, como se fosse o pai pequeno dos ogans, que pode substituir qualquer ogan em sua ausência física, por ter vasto conhecimento em todas as áreas pode auxiliar qualquer novato ou veterano sem experiência;

Dazinho é um negro pardo, septuagenário como Albertão.

4. **Mawo Adelson** (esse autor), Sumo Sacerdote do Culto e do Santuário dos *Ayi-Voduns* (Voduns da terra) e também responsável pela ligação litúrgica entre os *Voduns* do Savalou e os *Ànàgó-Voduns* do grande amalgama cosmogônico jeje-nago, que vem para compor o *Panteão Savalounu*, o qual, atravessando a terra de Sakpata, chega para consolidar um imenso pano de fundo afro-ocidental na Diáspora.

Dentre os representantes da geração mais nova estavam ali, naquele momento, também envolvidos nos seus afazeres, os sacerdotes:

5. **Afosodoteto** ou lugar-tenente George Silva Martins, o “Bugaloo”, um cargo específico do Vodun Zo, visto existir alí uma condição especial, posto visto ser o Dofono Hunxí George, o príncipe (*viđáxó*) herdeiro (*axóví súnnù*) virtual do trono do Pontífice, o Doté Amilton. George responde, principalmente, pela disciplina e manutenção da ordem no nível do inciados e inciandos, guardando expressamente, as barras da hierarquia do Templo.

⁸ Primeiro Ogan confirmado no Templo. Sacrificador Primordial

Filho biológico da **Hunsó Rita Maria** (que nos deixou órfãos em 2020), “*Buga*”, como é carinhosamente chamado pelos integrantes do círculo de amigos e simpatizantes mais íntimos, conquista a todos pelo sorriso largo estampado no rosto de criança dócil em um corpo de lutador de *sumô*.⁹ Buga é um negro massivo, alto e corpulento que só não assusta, por que seu jeito envolvente de criança grande, chega primeiro do que ele, em qualquer lugar onde ele for. Devoto Primeiro do Culto aos Voduns do Jeje Salvalu, *Bugaloo* mudou seu registro civil e hoje se chama, legalmente, de fato e direito *Dofono Hunxi* George Silva Martins.

Observe-se que o termo *Dofono* é uma referência ao primogênito em uma *Ahema* (barco) e o termo *Hunxi*, seria uma referência (equivocada, porém) ao fato de que George é iniciado, mas não incorpora, ou seja, não é passível à possessão espiritual.

6. Hùntó Paulo Conceição Fiaz, Sacerdote responsável pelos instrumentos sagrados que detém o poder de levar os Vodunsi ao transe na cerimônia religiosas que tem lugar no abassá. O Hùntó é o Maestro da Orquestra do Candomblé Jeje

Aliás, é oportuno mencionar que os tambores: Hùn, Hùnvi, Le [pronunciados; Rúm, Rumvi ou Rumpi, Lé], do maior ao menor, são Voduns dotados do poder de convocar os outros Vodun me e também os Ànàgó-Vodun, enquanto o Gan e o Xequere complementam o processo de favorecimento à possessão espiritual do Vodun sobre seu/sua Vodunsi;

A etimologia da palavra é composta pelo prefixo Hùn, que significa “Santo, Vodun, Espírito” e o sufixo tó que significa “pai”. Então o Hùntó é o “pai dos Espíritos”, ou o “pai que convoca os Espíritos”.

⁹ Pugilismo japonês no qual os contendores são homens corpulentos.

¹⁰ Mèdiun, pessoa passível de possessão mediúnica. Literalmente, esposa de Vodun.

No alto dos seus quase trinta anos, (na época do episódio que se encontra no foco dessa narrativa) esse jovem Maestro, que estudou música na Escola Pública, é nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação, uma das jóias do recôncavo negro baiano, ou melhor dizendo, ele é de Acupe, um distrito daquela municipalidade (terra de onde saiu o Jeje Savalou, para vir até Salvador, e terra de João do Boi, figura emblemática de um samba de raiz autêntico, fantasticamente delicioso, que diz em uma gravação rara "...Santo Amaro, terra de Maria Betânia e de Caetano Veloso...").

Santo Amaro da Purificação ... das negas das cadeiras de dois metros, do samba miudinho, dos pés arrastados, coladinhos ao chão que corre longe dando a volta ao mundo...Santo Amaro dos negos machistas que esbravejam: *"homi' não samba...homi amassa o barro"*.¹¹

Paulo é um negro de estatura mediana, com corpo e olhar de ameríndio e gargalhada escandalosa, que parece mais uma explosão de confetes em uma festa de largo. Mas nem por isso se pode dizer que ele é chegado a uma mistura de gente de todo tipo: esse filho de Sogbo com Tobossi é rigorosamente seletivo quando o assunto é se expor na rua e se misturar ao povo.

7. O Apokan da Casa de Azansu é Marivalter Junior, também popularmente conhecido como Juninho: responsável pelo quarto de Azansu e Nanã, meu filho-irmão, auxiliar direto do Mawo nas coisas do Santuário de Nanã, nas dependências do Hunkpame. O Apokan foi criado com essa finalidade.

¹¹ Uma coreografia masculinizada, de corpo duro e movimentos bruscos, orquestrados mediante o compromisso de escapar a qualquer custo do jeito requebrado que é marca do samba-chula do recôncavo baiano,

O nome significa “primeiro degrau” que condiz ser responsável pela sua porta e preparo do Santuário para qualquer louvor, sacrifícios ou oferendas.

O jovem Marivalter é um rapaz muito inteligente e portador de uma boa escolaridade.

Antes de entender bem o que é ser de Candomblé, esse jovem andou encantado com uma “pretensa morenice”.

8. O **Kótó** Josenã Assunção dos Santos, ou “Potó”, apelido pelo qual é mais conhecido popularmente.

Em Português a palavra que designa o cargo desse Sacerdote, seria “cantador”. A etimologia mostra que esa palavra é composta pelo prefixo **Kó** que significa canto do galo, o cacarejo do galo talvez para diferenciar essa atividade sacra, do trabalho do hanjitó ou seja, do “cantor”, ou do hansinò, o cantor profissional, somado ao sufixo **tó** que significa pai. Então **Kótó** significa “pai do canto do galo”, ou “pai que canta como o galo”, etc, mas, definitivamente, uma referência ao cantar natural do cantor de Candomblé Jeje.

Em desdobramento paralelo, Potó, nascido e criado no Curuzu, cresceu frequentando o Projeto Social do Kwe Vodun Zo, e se tornou Mestre de Capoeira, tendo, recentemente, retornado de uma longa temporada na Espanha por conta dessa arte marcial afrobaiana.

O *Potó* é um pretinho que ganhou musculatura, tanto no sentido físico, quanto no sentido intelectual, e é por isso modelo de evolução e assenção social pelo esforço e preparação para o melhor aproveitamento das oportunidades raras que a vida oferece ao afrodescendente no Brasil.

Quando o vi pela primeira vez ao voltar do Japão, em 2006, ele era ainda uma criança, um menino pretinho do cabelo de pimenta e cuminho.

Vi, na época, o cúmulo do racismo tupiniquin emanar da boca, felizmente incompetente, de um visitante no Xwe (um mestiço que se imagina branco, coitado). Em um comentário ofensivo dirigido ao menino pretinho *Potó*. Aquele fulano disse:

“Você é feio (o que não é verdade. Potó é um negro bonito e muito bem-apegoado) e não vai ter oportunidades na vida”.

Tomara que Vodun tenha brindado com vida e saúde para aquele cidadão ver *Potó*, nos dias de hoje, educado, transformado no Professor Josenã Assunção, casado e pai de um filho, bem posicionado na vida e na sociedade.

9. Estava presente também uma moça de nome **Eliene, aliás, Eliene dos Santos Vale**.¹² Era uma menina rechonchuda com um ar bonachão, e um olhar sapeca, de quem “de tudo sabe um pouco...” Eliene sempre foi loquaz, e (como dizia minha mãe, “uma menina despachada”). Filha de um Ogan do Hunkpame, àquela época, saindo talvez da adolescência, ela tinha um comportamento efervescente, e isso incomodava alguns dos mais velhos (Ovi um dos mais velhos dizer...”onde será que ela arruma tanta ousadia...???”...)Essa espontaneidade, entretanto, alegrava divertidamente a outros: posso aqui citar alguns desses outros que amavam as “tiradas de Eliene”..., mas não o faço em nome da ética e da hierarquia.

Era impressionante e enigmática a visão daquela garota, recém-saída da adolescência, em seus “momentos Eliene”, botar as mãos nos quadris, em pose desafiante, dizendo, a quem estivesse por perto para ouvir:

“Rá! rai! rai!... eu sou Eliene de Oya...minha missa é de corpo presente! ”

¹²Hoje, há mais de oito anos, se tornou a Irançé Eliene de Oya.

¹³Sem travas na língua, sincera ao extremo, as vezes ingenuamente sincera).

Se Eliene de Oya, não fosse Ekedí já confirmada, se diria que em momentos com o descrito acima, quem estava ali não era Eliene dos Santos Vale e sim uma Padilha...rai! rai!

*Eliene é uma homenagem viva a Ebomi Nice de Oya.*¹⁴



¹⁴Nice Evangelista Espindola, ou Ebomi Nice de Oya, do Ile Axé Iyá Nasso Oká, a nossa querida Casa Branca do Engenho Velho.

Culto aos Voduns e Nagô-Voduns... um amalgama Jeje-Nagô Afro-brasileiro...

Pai Albertão (em perfeita sintonia física com esse apelido), era um negro pardo alto e de porte gordo: sua cor contrastava com o branco da roupa de ração.¹⁵ Ele adorava contar histórias e estórias. Uma delas, muito interessante, ele contava sobre um certo seu Augusto, conhecido na região do Dique do Tororó da velha Salvador, ainda tida como a cidade da Bahia, pela alcunha seu Augusto Nêgo Galo.

É Albertão, do alto dos seus quase 60 anos de Candomblé que fala:

“ – Eu era menino, eu conheci ele, seu Augusto...era um nêgo retinto de estatura atlética, apesar dos aparentes mais de 50, 60 anos naquela época ...

Era calado, mas dono de um olhar respeitoso, vindo de uns olhos vermelhos, injetados de sangue, por sobre uma dentição perfeita, que ele mostrava em sorrisos curtos que aconteciam sempre que ele via crianças.

Ele morava em um casebre que ele mesmo construiu na beira do Dique...

Minha Mãe me ensinou que quando passasse pela porta dele, que ele estivesse fumando seu charuto Suerdieck, era para pedir: “A bença seu Augusto!!!”

Ele respondia...sério, com uma voz gutural, compassada, e um sotaque africano: “Vodun te dê Boa Sorte”...

A marca do charuto de sua preferência, aliás, confirmaria a sua origem local (visto que se dizia que ele era africano, e que, conseqüentemente, não teria nascido no Brasil). Seu Augusto viera do Recôncavo baiano, ali da região de São Félix, mais precisamente. Diziam que ele era um feiticeiro muito perverso, que só trabalhava para o mal...e seus sumiços tinham uma relação direta com esse seu “serviço”.

¹⁵Um conjunto de vestuário formado por blusa e calça largas, com mangas curtas ou sem mangas, geralmente em tecido rústico branco ou gelo, cujo uso é muito popular nas Casas de Candomblé.

Era tempo de muito preconceito e ignorância...e de vez em quando a polícia ia na casa de seu Augusto...sabe Deus por que...e, nessas ocasiões ele nunca estava em casa...

Nunca ouvi falar de uma vez que seja, que a polícia tenha ido até a casa de seu Augusto e o tenha encontrado.

Os soldados e o delegado, quando lá chegavam, só encontravam um galo, muito bonito, enorme, de passo pomposo, que ciscava circulando a casa dele...daí o apelido que o povo colocou como uma referência a ele: seu Augusto Nêgo Galo...

Seu Augusto, todas as sextas-feiras, invariavelmente, vestia um terno branco, calçava um par de sapatos brancos impecavelmente limpos, chapéu panamá, uma gravata vermelha e lenço vermelho estrategicamente à mostra no bolso frontal do paletó que trazia um destaque mais veemente ainda ao preto betume da sua pele africana..E saía caminhando pelas ruas do bairro do Tororó, em direção a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim...sempre naquele passo calmo, sem pressa, sem temor...esse era seu Augusto Nêgo Galo...

Dazinho lembrou: “– meu tio Valter¹⁶, que era magarefe, dizia que esse seu Augusto ai “se envultava”. Mostrando um orgulho pelo pertencimento ao Jeje, e esboçando um sorriso maroto, arrematou: “ – esses são os negos’ do nosso Jeje”.¹⁸

Ele lembrou da história do “finado Alubi”, um negro de pernas tortas que o povo viu em Cachoeira tomando cerveja e tocando pandeiro em um samba, enquanto seus vizinhos no bairro do Tororó o viram, nesses mesmos dias, saindo de casa para o seu trabalho (ele era pedreiro).

Foi uma turma do bairro que viu ele lá em Cachoeira, ele que era outro preto também mau visto, e eterno suspeito de bruxaria.

¹⁶ Pretos que trabalhavam no abate de bois para o consumo das cidades. Era um povo mau visto.

¹⁷ Desaparecia do seu corpo físico e se tele transportava e só deixava sua sombra (às vezes nem isso).

¹⁸ *Alugin* é um cargo sacerdotal no Culto a Oxalá.

Dazinho é filho das ilhas da Baía de Todos os Santos e não economiza em narrativas e histórias que evidenciavam a magia que exalava do povo preto que ele conheceu nas sua infância e juventude. Interessante notar uma característica comum entre esses três monstros sagrados do Candomblé Jeje: a iniciação ou passagem pela *Cacunda de Iyaya*...

Eu, escutando essas histórias senti vontade de saber mais e escrever sobre seu Augusto, esse personagem vivo e real da nossa saga desde a nossa querida Mãe África até essa vida desigual na tal Diáspora.

Mãe Flor e sua inseparável moleta, a qual desde que fora diagnosticada com um desgaste irregular do fêmur, passou a fazer parte do seu vestuário, ria discretamente daquelas histórias que Albertão contava.

Floranita de Jesus, que foi uma das minhas Madrinhas de confirmação como Ogan, era uma mulher de feição séria, lábios meio arroxeados, e olhos vivos e inquisidores.

O seu rosto pardo escondia no ar sisudo, carapaça que usava para esconder uma doçura de Mestra.

Mãe Flor guardava com muito zelo sua posição na hierarquia e na senioridade conquistada ao longo dos mais de sessenta e cinco anos que dedicara aos Voduns, quando se foi do aye. Isso mesmo: os anos que tenho de idade é o tempo que Mãe Flor tem de feitura de santo, essa dileta filha de Gù, Vodun da Guerra e da Engenharia...

Como uma das minhas madrinhas, ela me pegou pelo braço direito enquanto Deca de Lemba, do Terreiro Bate Folha, me pegou pelo braço esquerdo e me sentaram na minha Cadeira de Ogã de Nana, no Terreiro Voun Zo.

Aproveito a homenagem para lembrar a história da sua Feitura de Santo, conforme sua própria narrativa.

É a própria Mãe Floranita quem conta a história:
“...a pretexto de acompanhar meu esposo, que era Ogan da Cacunda de Iyaya, certo dia, eu, já com um bebê nos braços, fui para lá...era longe...”

¹⁹A outra madrinha é Deca de Lemba, Scerdotisa do Mansu Badukenke ou Bate Folha, candomblé emblemático da nação Congo-Angola.

Apesar do seu envolvimento com o ambiente litúrgico daquele Templo, a jovem Floranita não tinha, segundo ainda sua confissão textual, qualquer intenção de integrar o quadro religioso de qualquer que fosse a instituição. E era assim que ela lá estava, jovem mãe com seu filho nos braços, quando alguém lhe disse: “...*Flor, Mãe Tança tá te chamando porque tem um Vodun que quer te dar um um recado ...*” E ela foi, carregando seu bebê, quando esse mesmo alguém disse, “...*me dê a criança criatura, onde já se viu tomar abraço de Vodun com uma criança nos braços...???* Ela entregou a criança para essa pessoa, afinal, era “*só tomar um passe e pronto*” pensava ela....

O Vodun que queria dar um passe nela era Gù.

Foi um “passe” que ela tomou dado pelo abraço clássico desse Vodun, e que depois desse abraço, ela não viu mais nada....

–Puff –

Apagou a Luz

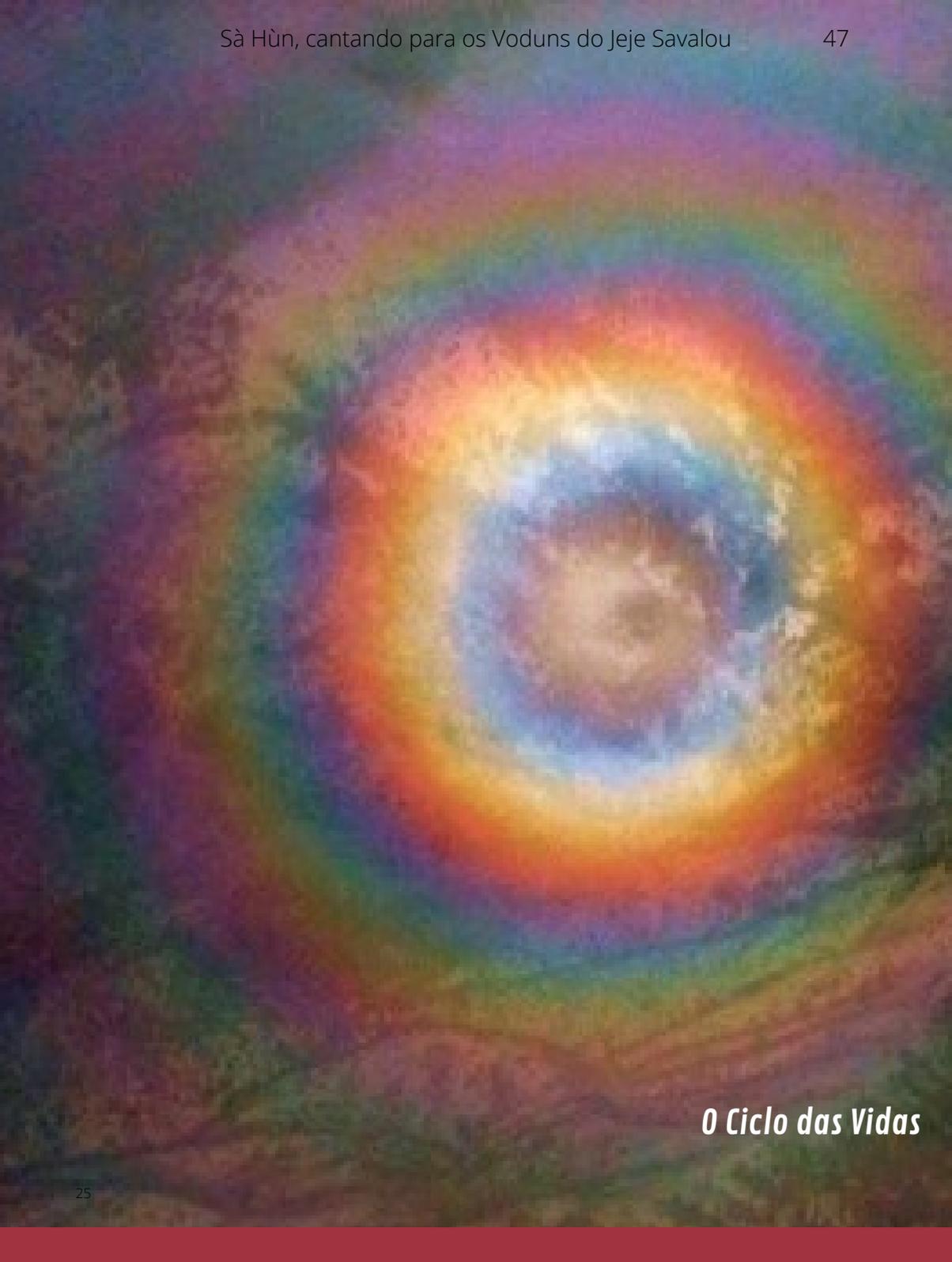
Quando se viu depois disso, já tinha iniciado o processo de preparação para Fazer o Santo...e de lá para cá, são mais de sessenta anos de serviço a Vodun e Nagô-Vodun, só encerrado fisicamente no seu Sihun.²⁰

Na oportunidade, Potó, que era o mais novo, perguntou a Mãe Flor quem era Bessen.

Ela olhou para ele demoradamente...e começou a explicar:

É Mãe Flor que fala: “...O significado do Termo “**Gbèsèn**” é “adorar a vida, por que **Gbè** significa Vida e **Sèn** significa “Adorar” na língua Fon. Para os Ewe-Fón, a serpente simboliza o ciclo da vida, na medida em que une Princípio e Fim formando um círculo virtuoso. Os patriarcas da família de Dan representam esse caráter cíclico interminável da vida. É o casal Ayìdóhwedó (Aidóhwedó) - Danbaḍahwedó (Danbadáhwedó), mais referido como Dambalá. Aidóhwedó seria a serpente arco-íris e Dambalá seria seu reflexo nas águas.

²⁰Uma cerimônia fúnebre no Candomblé Jeje. É o que pessoal chama de Axexê no Candomblé Quêto-nagô.



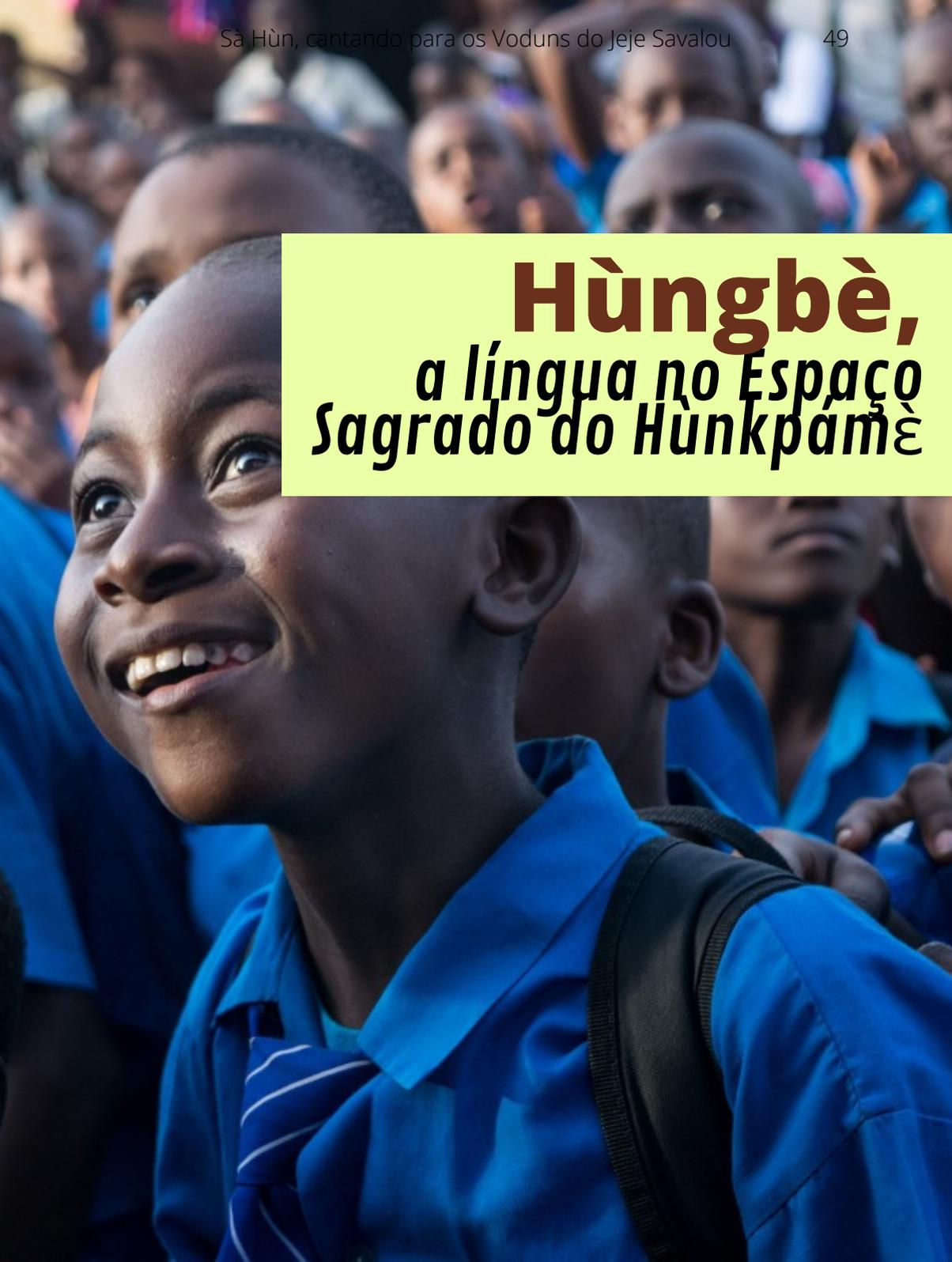
O Ciclo das Vidas

Então, **Dan** (A serpente Sagrada) seria a origem de toda a Vida dinâmica no planeta, sendo um dos responsáveis por sua existência e por sua habitação.

Ao invés de prosseguir tentando explicar sobre **Dan**, que é **Gbesen**, eu vou fazer melhor, meu filho, ... eu vou cantar para você entender o que esse Vodun representa... (e a velha Sacerdotisa entoou o seguinte cântico):

²¹
Ma Hwè Klelè
Gbèsèn sìn nà hwenùn
Ma Hwè Klelè
Gbèsèn sìn na hwenùn
Eo, Vodún wa Baḡabaḡa Kisé
Eo, Vodún wa Baḡabaḡa Kisé

²¹ Veja esse cântico e sua tradução, mais adiante.



Hùngbè, *a língua no Espaço Sagrado do Hùnkpámè*

Hùngbè, a língua no Espaço Sagrado do Hùnkpámè

Dentro do *Hùnkpámè* se fala uma ou mais línguas sagradas especiais, o Hùngbè, que variam de acordo com o Vodun principal que é ali cultuado. O Hùngbè se compõe do próprio Fon e seus dialetos mesclado com idiomas vizinhos como o Guen (mina), o Nagô (iorubá), Baribá, etc. e existe um grande tabu em se expressar em Hùngbè fora do *Hùnkpámè*.

O **Hùngbè** é o PRIMEIRO SEGREDO SAGRADO da Nação Jeje. Ele representa o elo entre o Vodunsi e Vodun.

Só os iniciados recebem o Hùngbè, ou seja, somente os vodunsis o recebem o Hùngbè.

O Hùnkpámè e seu entorno é um Espaço Sagrado. Precisa ser uma Fonte de Paz e de Energia Vital para a construção da Felicidade. E para tal conjuntura se verificar o EQUILÍBRIO é peça fundamental.

O Hùngbè é a PEÇA MESTRA para essa CONSTRUÇÃO.

O espaço sagrado, este grande sítio, ou grande fazenda onde fica o Kwe chama-se Hunkpame, que quer dizer "fazenda" na língua Ewe-Fon. Sendo assim, a casa chama-se Kwe e o local onde fica situado o candomblé, Hunkpame.



Hùnxó, *o Pacto Vodun*

Hùnxó, o Pacto Vodun

O serviço ao Vodun é um sacerdócio vitalício.

As mulheres, principalmente, permanecem no Hùnkpámè a vida inteira.

A vida dentro do Hùnkpámè é uma vida conventual autóctone, se constituindo em um modus vivendi suis generis. Sair do Hùnkpámè pode significar a quebra de um pacto, que, acreditamos, firmamos antes de nascermos para esse mundo físico.

A vida do Sacerdote Jeje gira em torno dessa Cultura Religiosa.

Para mim, que fui criado pelos meus pais segundo uma premissa de distanciamento da religião tradicional, tem se mostrado de suma importância a experiência adquirida através da educação formal.

Entretanto, estando de volta a dedicação exclusiva a religião tradicional Jeje-Nagô-Vodun, ouço com felicidade explícita e reflito sobre o chamamento expresso pela frase dita, em voz alta pelo Huntò Paulo Fiaz, quando no exercício das obrigações sacerdotais intrínsecas aos processos litúrgicos nos quais a participação coletiva dos iniciados é mandatória. Ele brada em voz alta:

Vodun acé kpón vi lε... !!! acé vi lε...

A ENERGIA (o AXÉ dos Voduns) PROTEGE (OLHA POR) OS FILHOS.

É um chamamento à integração total à Vida Conventual no Hùnkpámè, sem qualquer sistema de referência para com um mundo exterior alienante.

É extremamente gratificante perceber que, apesar dos esforços coloniais substanciais para suprimir o Vodun, (classificando-o como uma prática diabólica ou primitiva),²² a religião sobreviveu e agora está experimentando uma popularidade crescente em todo o território brasileiro. No Benin, o Vodun é a religião oficial do Estado.

²²Os Sacerdotes baianos do Jeje Savalou, são solicitados a intervir liturgicamente em vários pontos do território brasileiro e do exterior.

No Brasil um número crescente de pessoas estão se tornando adeptas do Candomblé Jeje, porém ainda o fazem secretamente, ao lado do cristianismo, por medo de serem julgadas por colegas, amigos e serem acusados de estarem “caindo nas práticas tradicionais retrógradas”.

O que precisa ser esclarecido é que a Religião Vodun não exclui qualquer outra concepção religiosa que contribua para a construção da FELICIDADE COLETIVA. A força maciça da Religião Vodun está sob o MANTO DE SILÊNCIO VOTIVO.

Pedindo a PERMISSÃO DE LEGBA, reproduzimos abaixo um MANTRA VODUN que torna explícito o que aqui digo, em nome da defesa de uma POSTURA ABERTA desde sempre, ou seja, desde os tempos imemoriais, ou melhor ainda, sem qualquer relação com a atual intolerância religiosa, ou o racismo religioso.

O MANTRA diz:

***Páá Dǎ Vodun
Sinhún!***

***Páá Dǎ Vodun,
Sinhún!***

É me dǒ nù acé

***Páá Dǎ Vodun
Sinhún!***

***Páá Dǎ Vodun,
Sinhún!***

É me dǒ nù acé

lyawo nù Bě Lò

lyawo nù Bě Lò

É me dǒ nù acé

lyawo nù Bě Lò

É me dǒ nù acé

Tradução

Em Silêncio (Sigilo)

***(Se) Adora/Serve ao Vodun
até a morte***

Em Silêncio (Sigilo)

***(Se) Adora/Serve ao Vodun
até a morte***

***Elas (elas) têm (é/são) donas
do Axé***

A vida de laô começa (agora)

A vida de laô começa (agora)

***Elas (elas) têm (é/são) donas
do Axé***

A vida de laô começa (agora)

***Elas (elas) têm (é/são) donas
do Axé***

Em Silêncio (Sigilo)

**Páá Ďă Vodun
Sihún!**

.....

**Páá Ďă Vodunsi
O!**

**Páá Ďă Vodunsi
O!**

Mě, Měmě

Mě Hùntó!

Mě Huntó

Mě Měmě

Mě Azàn

Mě Huntó!

Mě Měmě

Mě Azàn

**Páá Ďă Vodunsi
O!**

**(Se) Adora/Serve ao Vodun
até a morte**

**Cultua/Adora Vodun até a
morte**

.....

**Eis a/o Vodunsi (Servidor/a)
que Cultuará/Adorará Vodun
até a morte!**

**Eis a/o Vodunsi (Servidor/a)
que Cultuará/Adorará Vodun
até a morte**

Nua (Pura), santificada

Santificada e Pura

Pura, Sacerdotisa (Huntó)

Santificada e Pura

Pura, Sacerdotisa (Huntó)

**Eis a/o Vodunsi (Servidora)
que Cultuará/Adora Vodun até
a morte!**



Mejitó Silvana de Agé,
fala sobre Ori

Mejitó Silvana de Agé, fala sobre Ori

A benção a todos os que são de benção.

Sou **Mejitó Silvana de Agé**.

Sou sacerdotisa da Tradição de Candomblé Jeje-Nagô.

Sou Filha de Mãe Araunde, sou neta de Jibagê e bisneta de Rufino.

Pelo Jeje, sou Filha biológica de Mawo Adelson de Brito e da Ebonmi Mariah de Oliveira.

Sou tataraneta de Xanxa de Ogun, Iyalorixá que era muito conhecida e respeitada da cidade de São Gonçalo dos Campos, no Recôncavo Baiano. Mãe Xanxa era tia do Pai de minha Vó Conceição Maria Silva de Brito, mãe de Mawo Adelson.

A benção, meu pai Mavó Adelson de Brito.

Fiquei muito Feliz com a indicação de Vodun e de Orixá para assumir a condição de **Mejitó** (Mãe, Zeladora, se pronuncia MEJITÓ) do **Hùnkpámè Savalou Nàgô-Vodun Sakpata Azonsù Nù Xwe** ou literalmente traduzindo, “Convento Savalou Nagô-Vodun (dedicado a) Sapata-Azansu” ou, como a gente já se acostumou a chamar, **CASA DE AZANZU**.

Peço AGO a EXU ELEBARA, a meu PAI OSSAIN, ao VODUN AGÉ e TODAS AS DEMAIS ENTIDADES ASTRAIS E ANCESTRAIS.

Falar de Ori é falar da razão que a pessoa tem para entrar e seguir o culto a Ancestralidade.

As pessoas mais velhas do Candomblé dizem uma frase muito sábia que é:

"KO SI EWE, KO SI ORIXA",

que quer dizer,

"sem folha, não tem Orixá".

Mas eu acho que, na verdade, a frase mais certa é :

"KO SI ORI, KO SI ORIXA"

quer dizer

"sem ORI não existe ORIXÁ".

ORI, é a própria razão do MUNDO, é o primeiro Orixá da pessoa. Uma pessoa sem ORI, é uma pessoa sem referência, sem saúde, sem amor próprio.

Uma pessoa sem ORI é como um barco sem rumo, como um carro sem motor.

As pessoas que não conhecem a riqueza que tem no CANDOMBLÉ, pensam que nós do Candomblé somos ignorantes e que queremos resolver as coisas sem considerar o estudo e a ciência.

Isso não é verdade.

A verdade é que nós do Candomblé recebemos CONHECIMENTOS, SABERES e FAZERES dos nossos ANCESTRAIS que viveram em um tempo em que não existiam as farmácias nem os hospitais que existem hoje, felizmente por um lado e muito infelizmente por outro. E a medicina de hoje, infelizmente, acredita mais no remédio fabricado do que no CUIDADO ESPIRITUAL.

É assim que muitas pessoas que herdaram dons de mediunidade e incorporação de entidades espirituais, e não cuidam desse DOM, vão ao médico que não sabem como lidar com isso, e são tratadas com remédio, que muitas vezes vão agravar o problema e ainda levar outros problemas para essa pessoa, porque no nosso cuidar ESPIRITUAL, essa pessoa PRECISA DE CUIDAR DE ORI, que é uma ENTIDADE que não responde ao remédio do BRANCO, ao medicamento receitado pelo médico.

ORI responde a um BORI e responde rápido.

Não adianta o médico dar remédio para acalmar os nervos de quem está com desequilíbrio de ORI.

Não adianta dar remédio para dor de cabeça, para tratar quem tem problema de ORI.

NÃO VAI RESOLVER! Na grande maioria das vezes, onde o REMÉDIO começa com um ACAÇÁ, uma VELA e um COPO D'ÁGUA, NÃO É um comprimido QUE vai SUBSTITUIR ESSES ELEMENTOS SAGRADOS e dar caminho de cura, ao contrário, o comprimido pode abrir caminho para mais doenças.

Por essas e por outras, a FEITURA DE SANTO, envolve um BORI, para o qual se faz uma preparação especial.

É uma preparação para um RENASCIMENTO.

A pessoa, ao se dedicar a cumprir o que ORIXÁ determina, precisa entender que esse é um caminho de FELICIDADE, porque o Mundo é esse QUE ESTÁ AÍ, mais o CONHECIMENTO do QUE VEM A SER ESSE MUNDO é privilégio de ORIXÁ, porque ORIXÁ já está no mundo desde o COMEÇO DOS TEMPOS.

Quando a pessoa interage com ORIXÁ através de ORI (que é o que a FEITURA DE SANTO ou a CONFIRMAÇÃO DE OGAN OU DE EKEDI traz) começa um processo de convivência com a MAGIA da ANCESTRALIDADE que traz uma condição de VIDA DIFERENCIADA por conta do progresso conquistado pelo AMOR PELO QUE VALOR TEM, e essa condição emocional vai para muito além do CONHECIMENTO pois é a VERDADEIRA PONTE que leva à SABEDORIA.

ORIXÁ E VODUN QUE ABENÇOE A TODOS!

Sou Mejitó Silvana de Agê.



Aprendendo um pouco da
Língua Fon



Aprendendo um pouco da língua Fon

A língua Fon é uma língua falada em toda a região sul do Benin.

É uma língua simples e divertida, que reflete perfeitamente o modo de vida africano. Os beninenses são, na sua maioria, muito pobres, mas isso não os impede de serem muito afetuosos nas suas relações e gostam de se cumprimentar: "Você está bem?" "Muito bem, obrigado", "muito frio".

Este é o tipo de conversa que você pode ouvir no Benin.

Um dia, quando você estiver no Benin, aqui estão algumas saudações simples que você pode usar:

- A do gangi a? - Você está bem?
- Eeen, Un do gangi - sim, estou bem
- A fon gangi a? - Acordou bem?
- Eeen, Un fon gangi? - Sim, acordei bem
- Azan yi Aton! - Há quanto tempo ... implicando: que não nos vimos
- Dokpo je ji! - E mais um... para mostrar que sentiu falta do outro
- Kudo zan zan - Olá, bom dia
- Kudo hweme - Boa tarde
- Kudo gbada - Boa noite
- Kudeu - Olá
- A wá nú kǎ kǎ - Muito obrigado
- Bo Yi bo wa - ir e vir: uma forma de dizer a alguém que você quer vê-lo novamente.
- Edabo - Adeus

Na verdade, Fon é uma linguagem simples que muitos de nós podemos aprender. Os verbos não flexionam. Você apenas precisa colocar o pronome pessoal correto:

Un	Eu
A	Você
É	Ele, Ela
Mi	Vocês
Ye	Eles

Para praticar a comunicação em um idioma, é essencial ter um mínimo de noções básicas. Em primeiro lugar, você tem que saber dizer sim e não:

Eeen	Sim
Eho	Não

Você deve, então, saber como se apresentar:

Un no nyi Clistofe

Meu nome é Christophe



DICA!

O "R" não existe em Fon; é pronunciado como um "L".

Alguns diálogos e expressões

Fon gbe	Português
A fon a !	Bom dia!
Kú dó zānzān	Bom dia!
A fon ganji a ?	Você acordou bem?
Een, un fon ganji	Sim, eu acordei bem
Me fon ganji a ?	Vocês vão bem ?
Een, me fon ganji	Sim, acordamos bem
Kú dó gbadà (kúalé)	Boa noite
Nε a nɔ nyi ?	Como você se chama?
Un nɔ nyi Adelson	Me chamo Adelson
Mi towe lo ?	E você?
Un nɔ nyi	Eu me chamo...
À se fɔngbe a ?	Sim, eu acordei bem
Een, un se fɔngbe	Você fala fón?
Een, un se fɔngbe bi	Sim, eu falo fón
Eo, un se fɔngbe ă	Não, não falo fón
Fɔngbedóts	Aquele que fala fón

Fon gbe	Português
Fite a ƚo ƚo ?	Onde você mora?
Un ƚo ƚo Kutɔnu	Eu moro em Cotonu
Vodun kpá ɔ nã D'é Jí	Que a aclamação ao vodun se faça sobre a terra
Vodun gbekan (Vodun ligidi) cobɔ a wa gbɛ	O Vodun existia muito antes de você nascer
Gbetɛgbɛ mi ɖe ?	Que dia é hoje?
Vodun Légbà: Ete E na nu ? Ete E na ɖu ? Ete ba E ɖe ?	Vodun Leba: O que você bebe: O que você come? O que você quer?
Bokónò ɖò vò ɖé wè	O Bakono está prestes a indicar o sacrifício
Azɔ tɛ a ƚo wa?	Qual o seu trabalho?



Os Cânticos desse **Sà Hùn**

Susu Vodún Lẹgbà I

Panegírico ao Vodún Lebá

Original

Vodún Lẹgbà.
E kpo hu gbeté me.
Ete E na nu ?
Ete E na du ?
Ete ba E de ?

Bokónò dọ̀ vò dé wè
Gbetó lo cò ede,
Amọ, Vi nyi nu
Bokónò dọ̀ vò dé wè
É bà sìn nú vodún.
É flón Lẹgbà.

Mi só Koklo nukòntò ọ, Dó sá
vò ná
Cobọ me wa gbẹ, É dó kplí
vodún ọ,
Lẹgbà, Vi gudo tòn
Mawu na kpòn Lẹgbà

Tradução

Vodún Leba
Ele é mais velho que os
homens
O que Ele bebe?
O que Ele come?
O que Ele quer?

O Bakono (Adivinho) é quem
pode saber.
Ele fez uma oferenda
(líquida/bebida) ao Vodún
Ele fez oferenda para Leba.
Oferecemos o/a primeiro/a
galo/galinha para Leba

O homem só pensa em si
mesmo.
Mas a criança é coisa
preciosa.
Muito antes de nos termos
nascido,
Ele foi consagrado ao Vodún.
Leba é o filho caçula,
Que Deus proteja Leba.

Elégbára Vodún

Vodún Elebara

Original

**Ẹlẹgbára Vodún, ó sà kéré
kéré**

**Ẹlẹgbára Vodún, ó sà kéré
kéré**

**Ẹlẹgbára Hùnsì naa
Gbé wa.
Kéré kéré**

**Lẹgbá E'ẹgbára,
Lẹgbá E'ẹgbára
Ẹlẹgbára pé le jó
Ẹ Vodún pe
Aye'ẹgbára**

Tradução

**Vodún Elebara, cuida (de
tudo) grão a grão**

**Vodún Elebara, cuida (de
tudo) grão a grão**

**Elebara, Servidor de Vodún
Nos traz Vida,
De grão em grão**

**Leba Elebara
Leba Elebara
Elebara traz a dança
Vodún que traz a vida
Elebara**



Gù

Original

**Şe gbe mi, şe gbe wa
Şe gbe mi, şe gbe wa
Akoro dá kota ka egbe
Şe gbe mi, şe gbe wa
Akoro da kota ka egbe**

**Caà yaá glǒ [Fón gbè]
Caà yaá glǒ
Vodún dokpó**

Tradução

**Segue (protege) me, nos
segue (proteje)
Segue (protege) me, nos
segue (proteje)
Akoro (Ogun) é o Salvador do
povo
Segue (protege) me, nos
segue (proteje)
Akoro é o Salvador do povo**

**Ligeiro (Ele) resiste com
sucesso, à dor que mata
Vodún único.**



Aganga Otolu

Original

**Aganga tolu wa É Dàn
Ahógbógbóy'yaá
O yaá**

**Aganga tolu wa É Dàn
Ahógbógbóyé**

**Kana Kanakana (Ritmo:
Bravun)**

Valois bǐ lo cé

A e da e tó

Aganga Otolu

E da e Tó

Gbetɔ E Nà Ní

Mă Atín E ná Dǒ

E Vodún Mlă Xevyè

Tradução

**Aganga Tolu é (um Vodún)
Serpente**

**Salve Grande Espírito da
Serpente**

**Aganga Tolu é (um Vodún)
Serpente**

**Salve Grande Espírito da
Serpente**

**Lançador de pedras (caçador)
Soberano inteiramente nosso
Aganga Otolu**

Ele é afiado, Ele é nosso Pai

**O Caçador é um Vodún que
pode atuar**

**Familiarizado com as
florestas**

**É um tipo de Vodún
semeador**

**Ele é um Vodún turbulento da
Vila**



Azansù

Original

Savalou Xwe

Mes Dieux

Azansù nun Xwe

Mes Dieux

A Ye a Ye, a Ye a Ye

Savalou nun Xwe

Mes Dieux

Da Hun ké sàtó

Da Hun ké kpo sin jɛn

Azɔnani kpo sin jɛn

Da hun ké sàtó

A Tílé Nùkpén Danxomé.

A Tílà Kótá

Yàcò Táá

A Tílé Nùkpén Danxomé.

Tílà Kótá

Yàcò Táá

Tílà Kótá

Yàcò Táá

Tílà Kótá

Yàcò Táá

Tradução

O templo de Savalú

Meus Deuses

Azansún em seu Templo

Meus Deuses.

Fazer sacrifício ao Vodún

É como tomar água

Cultural Azoanin é com beber

água

Fazer sacrifício ao Vodún

Tu mesmo espelhas o Domé

Tu és amuleto do povo Kotá

Rainha de prodigalidade



Agè

Original

Agè lóo Mi Ná

Jàlé

Agè lóo Mi Ná

Jàlé

A o lò toò tòò

Agè lóo Mi Ná

Jàlé

Ahogbogboyé

Agè lénsì

Sinhún, je le

Kpo kan

Ahogbogboyé

Agè lénsì

Sinhún, je le

Kpo kan

Sinhún, je le

Kpo kan Yé

Vodúnsì mǎ ão gbe

Ahogbogboyé

Agè lénsì

Sinhún, je le

Kpo kan Yé

Tradução

Agé (sê) por nós,

Perdão

Agé (sê) por nós,

Agora, pensativos

Agé, (sê) por nós

Perdão

**Salve o grande espirito da
Serpente**

**Agé, dedicado aos (demais)
Vodúns**

**O tambor de água (Sihun,
tambor da vida), mantemos
para a nossa conservação,**

Grande Espírito!

**Salve o grande espirito da
Serpente**

**Agé, dedicado aos (demais)
Vodúns**

**O tambor de água (Sihun,
tambor da vida), mantemos
para a nossa conservação,**

Grande Espírito!

**O tambor de água (Sihun,
tambor da vida), mantemos
para a nossa conservação,**

Grande Espírito!

Original

Ahogbógbó
Yé Ie
Ahogbógbó
Yé Ie
Agèsi
Yàalé bàà
Ahogbógbó
Yé Ie

Tradução

**Ò servidor de Vodún, que é a
própria Vida!**
**Salve o grande espírito da
Serpente**
**Agé, dedicado aos (demais)
Vodúns**
**O tambor de água (Sihun,
tambor da vida), mantemos
para a nossa conservação,
Grande Espírito!**
**O tambor de água (Sihun,
tambor da vida), mantemos
para a nossa conservação,
Grande Espírito!**
**Ò servidor de Vodún, que é a
própria Vida!**

**Salve a todos os Espíritos
(Vodúns)**
Salva a todos os Espíritos



Gbèsèn

Original

**Ma Hwè Klelè
Gbèsèn sìn nà hwenùn
Ma Hwè Klelè
Gbèsèn sìn na hwenùn
Eo, Vodún wa Baḡabaḡa Kisé
Eo, Vodún wa Baḡabaḡa Kisé**

**Vodúngbe wε,
Eεn, wa E kpon
Vodúngbe wε,
Eεn, wa E kpon
Gbèsèn Lan ḡe, Gbèsèn Lan
ḡe
Eεn wa E kpon
A e, a e, a e.
Eεn, wa E kpon,**

**Vodún Mǎ Ylò Xwe
Gbèsèn Nù Ma Ylò Xwe
Ago, Gbèsèn Nù, Mǎ Ylò Xwe
(coro)**

Tradução

**Que Sol largamente aberto,
Bessén, portanto aparece
vivamente em um estalo
Que Sol largamente aberto,
Bessén, portanto aparece
vivamente em um estalo
Não, o Vodún chega tão
colorido como um papagaio.
Não, o Vodún chega tão
colorido como um papagaio.**

**É Domingo
Sim, Ele chega para ver.
É Domingo
Sim, Ele chega para ver.
Bessen, tome a oferenda,
Bessen tome a oferenda,
Sim, Ele chega para ver,
Você e Ele, você e Ele, você e
Ele.
Você e Ele, você e Ele, você e
Ele
Sim, Ele chega para ver.**

**Vodún, nós o chamamos para
tomar sua Casa
Pedimos licença para pedir a
Bessén, que aqui mora, venha
para sua Casa.**



Naná

[Fón gbe/ èdè Anàgó]

Original

**Naná bèrè Hùn
Bèrè
Naná bèrè Hùn
Bèrè**

**Ó Nanã ẹ ẹ ẹ
Ibiri şà wẹre
Ibiri şà wẹre
Ibiri şà wẹre**

(ilu)

**Ó Nanã ẹ dáhùn yan
Ẹ Nanã a bèèrè sín**

Tradução

Vovó começa a tecer/tricotar
(Repete umas 7 a 9 vezes)

**Ela é Vovó
O seu Ibri nos cuida miudinho**

**Ela Nanã nos responde
caminhando lindamente
A Nanã nós suplicamos
através do nosso culto
Ela nos acerta em cheio no
peito, a senhora dos rios que
nós**



Tɔbosí

Original

Mi sã pèwé
Mo rì Ẹbọ.
Mi sã pèwé,
Mo rì Ẹbọ.
Yeye, mo rì Ẹbọ
Si gbe wa
Mo rì Ẹbọ,
Tɔbosí
Mo rì Ẹbọ,
Si gbe wa

Tɔbosí xé
Tɔbosí xé
Tɔbosí xé
Awe ná dǔ
Tɔbosí xé

Són, Són
Són Hùn
Jè gbé

Tradução

(Com) seu busto nu
Recebe as oferendas
Mãezinha, recebe as
oferendas
E nos mantém a vida

Tobosi protege
Tobosi protege
Tobosi
Protege tudo que temos
Tobosi protege

Ela manda, ela comanda
É o Espirito da vida



Avesan Oya

Original

**È ló Oya,
Légbẹ, légbẹ
Oya légbẹ o
È ló Oya,
Légbẹ, légbẹ
Oya légbẹ o
Şé lọ n bọ
Lẹwà, lẹwà
Oya şe lọ n bọ
È ló Oya,
Légbẹ, légbẹ
Oya légbẹ o**

**Oya, Oya
Mo fòrò dídè
Oya,
Mo tún bàlẹrù
Oya
Mo fòrò dídè
Oya,
Mo tún bàlẹrù**

**Oya gbálẹ
Lẹrìnkàn o
Oya gbálẹ ilẹ**

Tradução

**É Oya sempre próxima
Oya muito próxima
É Oya
Você está chegando?
Linda, linda!
É Oya sempre próxima
Oya muito próxima
É Oya**

**Oya, Oya
Fui forçado e acorrentado
Mas também amedrontei
Oya, Oya**

**Oya 'balé
Varre a terra
Limpendo tudo**

Original

Oya gbálẹ̀
Lẹ̀rìnkan o
Oya gbálẹ̀ ilẹ̀
Oya máa de
Ó máa ọ̀kan gbe ilé
Oya gbálẹ̀
Lẹ̀rìnkan o

Zingídì Zin ma
Dǒ gbe lóo
Zingídì Zin ma
Dǒ gbe lóo

Tradução

Oya 'balé
Oya 'balé
Varre a terra
Limpendo tudo
Oya 'balé
Oya sempre presente
Sua coragem sustenta a Casa
Oya 'balé
Varre a terra
Limpendo tudo

Barulho (vibração) que
mantém
a vida!
Barulho (vibração) que
mantém
a vida!

Azli Tobosí

Original

**Dà jò sìn nà dǒ Yè
Sìn Nà dǒ
Dà jò sìn Ná dǒ Ya
Sìn Ná dǒ**

**É nù tò
Matò b̀ Yuù
Náá
Nu jè tá
É nù tò**

**Ìyá t'Ògún Ó
Yemoja
Ó mọ̀ jàre**

Tradução

***Vimos louvar as águas
Princesa natural das águas
Vimos saudar a Mãe das
águas
Princesa natural da águas***

***Eis aqui o rio
Mató (um tipo de peixe) é o
começo e o fluir
Do sal do corpo da água
Eis aqui o rio***

***Mãe do Rio Ogun
Iemanjá é Mãe que sabe
inocentar***



Sogbo

Original

**Sà Sà
Sogbo Adăn
Klá Yă Kótá
Mejitó Vodún Sogbo**

**Yè, yè, yè
Sogbo Adăn
Yă Klá ta
Mejitó, Mejitó
Bǎ tǎn**

**Sogbo fi ri ọmọ
Fi ri ọmọ dé
Sogbo fi ri ọmọ
Fi ri ọmọ dé
Ahógbógbóyé
Sogbo fi ri ọmọ
Fi ri ọmọ dé**

Tradução

**Amigo (íntimo)
Sobô Adan
Astúto, rápido, onipresente
Pai Vodún Sobô**

**Meu, nosso, Sobô Adan
Astuto e rápido
Pai, Pai
Verdadeiro**

**Sobô cuida dos seus filhos
Sobo vem cuidar de seus
filhos
Arroboboye!
Sobô cuida dos seus filhos
Sobo vem cuidar de seus
filhos**



Lisa

Original

**Dègun Agemo
Dègun
Dègun Agemo
Dègun
A dèhùn tò
Vodún Lisa
Dègun Agemo
Dègun**

**Vodún E mọ gbe
E, E
Vodún E mọ gbe
Lisa
Vodún E mọ gbe
Vodún E mọ gbe
Lisa**

**Vodún
Malenù
É Lisa
Le Bois
É Lisa
Le Bois
É Lisa
Le Bois**

Tradução

**No galho (da árvore)
O Camaleão está sentado
Rezamos em baixa voz (para
o)
Vodún Lisa
No galho (da árvore)
O Camaleão está sentado**

**Vodún nos da vida
É Ele
Vodún nos dá vida
Lisa
Vodún nos dá vida
Vodún nos dá vida
Lisa**

**Vodún Muçulmano (Adorador
de Deus)
Eis aqui Lisa
O/A Madeiro/a
Eis Lisa
O/A Madeiro/a
Eis Lisa
O/A Madeiro/a**

Original

Aã Gajaà
Vodún nù Xwé
É Lisa Vodún Xwé
Aã Gajaà
Vodún nù Xwé

Tradução

Vejam o Mais Alto
Vodún do Templo
Ele é Lisa, é o próprio Templo
Vejam o Mais Alto
Vodun do Templo

Referências Bibliográficas

BRITO, Mawo Adelson. Primeira Cartilha de Liturgia Jeje Savalou do Candomblé da Bahia: Livro I Circuito Cosmogônico da Religião Jeje Savalou; Editora Press Color, Salvador-BA, 2019, 1ª edição.

Guide d'apprentissage en Fon. <https://www.livelingua.com/peace-corps/Fon/Guide%20d'apprentissage%20en%20Fon.pdf> (acessado em 12/02/2021).

HUYEME, G. Pour lire et écrire le fongbe. IPEDEF – Institut Pédagogique d'Etude et de Développement de l'Ecrit en Fongbe Disponível em <http://ipedef-fongbe.org/ecrire-et-lire-le-fongbe/>

Le Fongbe du Bénin. <https://beninfongbe.com/traduction/fongbe-francais/traductions-fongbe-francais-voculaires-k.html> (acessado em 15/12/20).

SERRA, O. et al.; Laudo Antropológico: Exposição de motivos para o Tombamento do Conjunto Monumental do Kwe Vodun Zo.

MATORY, J. L. (2005). Black Atlantic religion: Tradition, transnationalism and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé. Princeton, Nova Jérсия: Princeton University Press.

PARÉS, Luis Nicolau. A Formação: História e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª Edição Revista; Editora da Unicamp. São Paulo, 2007.

Vodun children in Togo must dedicate their lives to the convent; <https://www.pri.org/stories/2018-05-21/vodun-children-togo-must-dedicate-their-lives-convent> (acessado em 12/02/2021)

ZIZINDOHUE, Berthélemy; Traditional Religion in Africa: The Vodun Phenomenon in Benin; Disponível em: <http://www.afrikaworld.net/afrel/zinzindohue.htm>. (acessado em 13/11/15)

Apoio Financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

